

Mais otimismo, a ordem de Sarney

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney quer promover uma campanha publicitária para melhorar a imagem do seu governo. Numa reunião realizada ontem à tarde no Palácio do Planalto com os presidentes da Petrobrás, Caixa Econômica Federal (CEF) e Banco do Brasil (BB) — maiores detentores de verbas para publicidade —, Sarney pediu a colaboração destas empresas, para veicular mensagens otimistas do governo e, assim reverter a situação atual. O Banco do Brasil terá este ano Cz\$ 1,3 bilhão para publicidade e a Petrobrás, Cz\$ 570 milhões.

A determinação do presidente Sarney foi clara: "É preciso divulgar melhor as realizações do governo e as coisas boas do Brasil", segundo afirmou o presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans, após a reunião. A campanha de "otimismo" consiste inicialmente na veiculação de mensagens dentro do projeto de publicidade da própria empresa e segundo explicou o presidente da Petrobrás, Ozires Silva, esta nova estratégia não implicará gastos adicionais.

Para ver cumprida esta nova determinação do presidente da República o ministro Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, coordenará a campanha. Isto significa que toda e qualquer publicidade destas três grandes empresas e das demais estatais terá que passar, antes da veiculação, pelo crivo do Gabinete Civil. O próprio presidente Sarney anunciou ontem, durante a reunião, que pretende assumir a coordenação desta campanha.

Ozires Silva revelou que Sarney está convocando não só as estatais, mas todos os setores governamentais, "para participar deste esforço de recuperação do País e eliminar esta onda de pessimismo, causada pela difícil situação econômica".

"O importante neste momento é que todos nós tenhamos esta atitude de otimismo e não propósito de dificultar ainda mais a situação", acrescentou Ozires Silva. Ele admite que a desmoralização do governo existe, é concreta, mas é consequência de uma crise política e econômica que vem de longa data e não do governo Sarney.

A Petrobrás, segundo o seu presidente, terá facilidade em divulgar esta campanha favorável ao governo: "Nós poderemos fazer isto através dos 5.200 postos da Petrobrás onde o contato com o público é bastante intenso".

Ontem mesmo, logo após a reunião com o presidente Sarney o ministro Ronaldo Costa Couto se reuniu com os assessores de comunicação social da Petrobrás, CEF e BB para articular a nova estratégia. Tudo ficará sob a coordenação do che-

fe do Gabinete Civil, que assumiu há duas semanas total responsabilidade pela política de comunicação do governo.

Segundo se afirma no Palácio do Planalto, é um erro querer comparar esta nova ofensiva na propaganda institucional do atual governo com aquela que prevaleceu durante todo o período do governo Médici. Embora não se possa negar que a propaganda daquela época infundiu otimismo em alguns setores, o que sem dúvida contribuiu para que o País sustentasse elevadas taxas de crescimento, no fundo, ela servia para encobrir um governo marcado pela tortura e pelo desrespeito aos direitos humanos e a total ausência de liberdade política.

Agora, não. Segundo se avalia no Planalto, o País nunca gozou de tanta liberdade, os avanços no caminho da redemocratização são irrefutáveis e, não obstante isso, a sociedade brasileira parece imersa numa auréola de pessimismo. É contra esse pessimismo que o governo pretende se voltar.

O presidente Sarney, segundo essas fontes, está sendo vítima de uma campanha maldosa dirigida por alguns órgãos de comunicação contra o seu governo, o que vem contribuindo sensivelmente para reduzir a popularidade do presidente, isto, segundo se diz no Planalto merece uma "resposta" também a nível de comunicação, o que vale dizer, "o emprego das mesmas armas".

O presidente do BB, Camilo Calazans, disse que o presidente foi muito enfático ao pedir que se procure divulgar não somente as realizações do governo, mas também os aspectos positivos do Brasil como um todo. Para ele, não pode haver nenhum mal nisso, ainda mais levando-se em conta que esta nova orientação não vai implicar aumentos dos gastos com publicidade já previstos no orçamento para este ano.

Já o presidente da Petrobrás, Ozires Silva; interpelado sobre se não seria melhor o governo, em vez de optar pela linha da propaganda, procurar mudar sua imagem através de medidas concretas de combate à corrupção, comentou que os fatos envolvendo escândalos no governo não estão comprovados. E recusou-se a prosseguir no assunto, alegando que "este artigo não consta do meu bazar".

Na opinião de Ozires, a nova orientação do governo terá muito êxito porque "a propaganda já demonstrou que funciona". E citou como exemplo recente campanha da Petrobrás explicando os aumentos de preço da gasolina, no Rio de Janeiro, onde uma pesquisa apontou que o argumento do governo teve aceitação total.

Mas falam até em renúncia

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney, segundo rumores que corriam ontem no Palácio do Planalto e no Congresso, declarou, num desabafo, que não aceitará mais a campanha da imprensa contra a probidade de seu governo e de sua família. Segundo ainda esses rumores, o presidente teria mesmo ameaçado renunciar ao mandato.

"Isso não tem o menor fundamento", — garantiu o líder do governo, deputado Carlos Santana, referindo-se às notícias de que o presidente da República teria pensado em renunciar. E acrescentou: "Não sei a que ponto chegou a reação do presidente, mas a notícia da Folha de S. Paulo foi profundamente injusta. Pior do que os jornais 'marmons' do passado recente".

Constituintes influentes, do PMDB, do PFL e do PDS confirmaram ao Estado que tiveram informações de que o presidente Sarney, profundamente irritado e sentindo-se "perseguido", anunciara que não suportaria mais este tipo de campanha difamatória e que seria obrigado a tomar uma decisão. "Houve quem falasse, até, que ele chegou a cogitar em deixar o governo. Seria um ato de enorme vingança contra todos nós", observou um influente constituinte.

Adversários de Sarney também

comentaram que o presidente, não se conformando com o noticiário de alguns órgãos da imprensa, vinculando sua família — até mesmo dona Marly — às irregularidades na Seplan, teria se declarado disposto a renunciar. Disseram, ainda, que um dos responsáveis pelo trabalho de convencer Sarney a deixar de lado a idéia da renúncia teria sido o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, e o ministro da Aeronáutica, Octávio Moreira Lima. Leônidas encontrou-se com Sarney na base aérea e Moreira Lima foi ao Planalto.

Deputados e senadores de vários partidos, quando consultados sobre o clima no Planalto, ontem, em consequência de recentes notícias da imprensa envolvendo a família do presidente em denúncias de irregularidades na Seplan, reagiram igual: "Ouvi isso de alguns colegas". Nenhum deles contestou, mas vários disseram que não acreditavam que Sarney pudesse chegar à renúncia. Dirigentes do PMDB informaram, ainda, que também o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, havia sido informado a respeito.

Apesar de mostrar total desconhecimento do assunto em pauta — o rumor de renúncia do presidente Sarney —, assessores do ministro Moreira Lima disseram que nada de importante tinha sido tratado no encontro com o presidente.